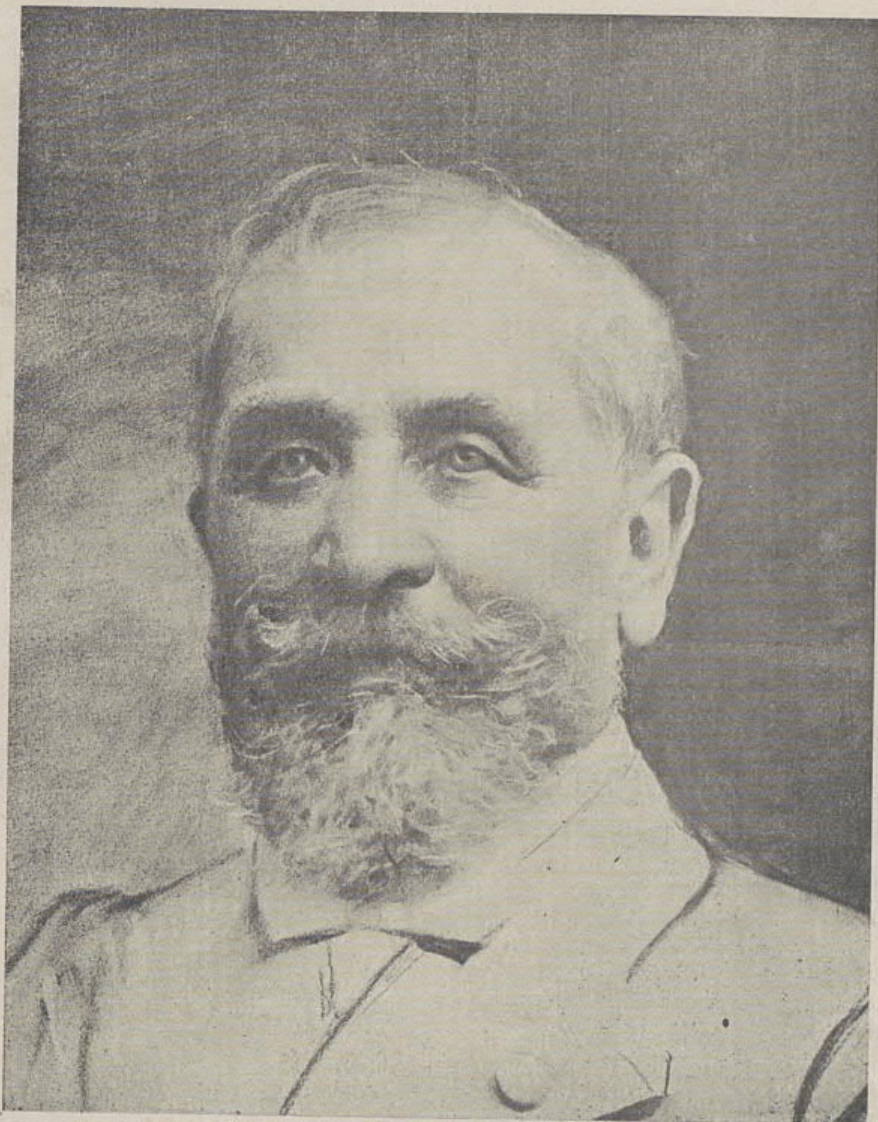


No Presidente Loubet

UM GRUPO DE

Repúblicanos de Guimarães



≡ 27 de outubro de 1905

Saudando

Vencemos a França imperial, e estreitamos ao peito, ardentemente, a França augusta da Revolução.

GUERRA JUNQUEIRO.



AUDAR Emilio Loubet significa para nós, democratas convictos, acclamar a França, defender a Republica.

Defender a Republica equivale, para todos os pensadores de bom quilate, satisfazer a Razão, buscar o Perfeito.

... Neste momento Loubet é um symbolo: personifica a Idêa, cuja patria é a França intellectual, a elite de 89.

Elle synthetisa a alma heroica d'um povo que a golpes de titan realisou a Egualdade politica, proclamando os Direitos do homem.

Elle encarna o genio transcendental da phalange insigne, que é a flux da Civilisação e da Arte, e ha-de ser o clarim da moderna Europa.

É por isso que eu, moço ardente e apaixonado, entranço louros, palmas, flores, todo o estro d'uma apothese brilhante para matisar a passagem, em terras de Portugal, de monsieur Emilio Loubet, o nobre e sympathico cidadão, o primeiro magistrado Francez.

*

Quizera — num amôr forte ao meu paiz — que a admiração erguida ao chefe eleito da Republica Franceza gerasse, em exemplos fecundos e em estímulos á vontade propria, uma nova era de prosperidade nacional...

Quizera — por um destino religiosamente humano — que a consciencia col-

lectiva, reconhecendo em Loubet unica gerarchia — o *merito*, despedaçasse dynasticos systemas e crenças absurdas, descobrindo o perfil da Verdade.

Mas, nós Portuguezes, filhos d'uma raça indulgentemente soffredora e pacifica, não sentiremos a etymologia da Marselheza, o hymno das luctas do pensamento e do trabalho, as notas vivas da Liberdade, o grito vermelho do Povo, na Historia das conquistas sociaes.

E Loubet, em quem dizem reviver uma scintilla do espirito fino e subtil de Voltaire, perscrutará que não somos tão valentes paladinos da Republica, como valentes somos em theorias e acclamações.

Impossivel, se não perigoso, ao burgo Lusitano o succudir-se (!) quando, como elle, vive á teta d'um tradicionalismo avaro, criando alma de visionario... sem fé, e escoicinhando as eternas leis da evolução.

São assim os povos sem energias vivas, os povos miseraveis sem ideaes.

*

Abdico ao passado pelo Amanhã d'um grande e glorioso dia, em que a sã moral da Solidiedade germinará pela Educação, e fructificará pela Equidade.

Verificar-se-ha então o zenith da Revolução Franceza, que é o despertar do 4.º estado... o triumpho legitimo do trabalhador.

Para lá caminha Loubet, com o radicalismo de Combes, com a prudencia de Rousseau, ao braço guja de Jaurés.

Assim tem de ser, assim deve ser.
Le monde marche.

ANTONIO RIBEIRO ALVES.

ERA em 1793. A Revolução afogava em ondas de sangue todo esse passado de despotismo, de vício, de odiosa e vil crapulagem, e despontava, luminosa e fulgente, a luz da liberdade d'onde irradiavam, como base fundamental, os Direitos do Homem. A França mostrava ao mundo, attonito e surpreso, o facho resplandecente da Razão e da Justiça, a golpes violentos e crueis mas redemptores e indispensaveis. E, apoz esta hecatombe que derrubava seculos de ignorancia, de fanatismo e de torpeza, uma espada, igual senão maior que a de Annibal e Alexandre, manejada por um genio que só a traição e a força insuperavel do Destino, um dia, puderam vencer, levando a toda a Europa a confusão e a desordem, destruía o equilibrio europeu e era uma preparação e um incitamento para que todos os povos, obrigados rudemente a vêr desfeitos e por terra tudo o que elles julgavam de mais firme, eterno e immutal, pensassem em sacudir o jugo sob o qual tantos seculos tinham vivido e julgassem possivel uma nova epocha de resurgimento, de luz e de liberdade.

E qual era o povo, qual era a nação que, conscia das suas forças, ousava calcar aos pés, pela vez primeira, os suppostos direitos divinos, os direitos sagrados com que, até ahi, se arrojava a realeza bestial e omnipotente que sempre tinha esmagado, implacavel, tudo quanto fôsse um raio de luz, um atomo de razão?

D'onde provinha esse sol redemptor que havia de illuminar o mundo inteiro, e mostrar-lhe a fragilidade e impostura d'esse regimen, odioso e despota que opprimia as consciencias e travava a civilização?

Era da França, era do povo francês.

Foi pois d'essa nacionalidade que a todos veio o incitamento e a força que haviam de modificar as idéas fanaticas e dominantes, e transformar o que era treva, egoismo e ignorancia em luz, sciencia e liberdade.

E, ainda hoje, é ella a fonte inexaurivel onde todos vamos beber tudo quanto se relaciona com a nossa intellectualidade e com os nossos sentimentos liberaes.

E' por isso que, todos nós, todos os portuguezes que vêem e sentem, rejubilam com a visita de Emilio Loubet, d'esse homem que, provindo d'um berço tão humilde, é hoje tão grande que, elle só, é a personificação da França inteira.

O povo português, grande admirador da França e sequioso de tanta liberdade que aqui falta e lá abunda, saúda agora, não por simples dever de cortezia mas porque assim lh'o pede o coração e a consciencia, saúda do intimo da sua alma, com a maior sinceridade e vehemencia, em Emilio Loubet, a França gloriosa e livre.

E nós d'aqui, humildes e pequenos, mas grandes nas nossas aspirações e ideaes, não podemos deixar de soltar tambem o nosso brado entusiasmado e altisono — Salvé Emilio Loubet! Salvé Republica Francesa!

Mariano La Rosa Telles
F

À FRANÇA

NUM jacto de luz — que a Humanidade, soffregada de justiça, recebeu como uma aurora — a Revolução fendeu os alicerces titubeantes do feudalismo.

Um veu espesso e sombrio — que a ignorancia dos povos cingiu ás nacionalidades — estorvava-os da sua caminhada para o Progresso.

Era tudo negro e carrancudo para os fracos, para os escravos, para os desherdados.

Os senhores feudais dispunham, a seu talante, da vida dos seus vassallos. Era o homem tornado besta. Pelos campos, pelos montes, pelas cidades, os braços nus e fortes trabalhavam, como machinas, para os seus senhores.

Ignorante e fanatico, esse povo eivado de superstições que os dogmas e todos os embustes religiosos, que tão alto grau attingiram no seculo XVIII, insuflaram no seu espirito, espesinhado pelas tirannias mais revoltantes — mantinha-se numa atrophia e imbecilidade mental, sem protestar, por não saber, sem força e audacia para um grito, por impotente.

O Despotismo içava as suas flamulas, pré-gava as suas doutrinas negregadas d'opressão e d'arbitrio.

Ai do que ousasse Liberdade! Logo era alvo de maus tratos e muitas vezes da morte.

E o povo — como rafeiro fiel — accitava aquelle estado despotico, numa passividade alegre, adorando até os seus senhores como idolos...

Mas á noite, tenebrosa e escura, succede o dia claro e d'oiro. Pouco e pouco — como a agua que lentamente ensopa a terra — o povo teve ancias de ver livre os pulsos das algemas que lhe agrilhoavam a Vida.

As ideias de Liberdade desceram até elle. Novos horisontes se rasgaram á Humanidade. Produziu-se, então, a maior e mais salutar explosão do povo francez. Baqueou o throno, numa imprecação de morte. Desmantellaram-se as naus das velhas instituições. E a França, linda como uma virgem, com os cabellos em desalinho, pelas barricadas das ruas, correu aos corações dos opprimidos e ás casas sem pão, com a Liberdade pelo braço, como uma noiva... Era a Revolução.

*

Uma face nova creou a França.

A Revolução, com os Robespierres, os Desmoulins, os Dantons, os Marats, na vanguarda, semeou a Liberdade.

Não era já um povo de opprimidos, aquelle.

A soberania popular tomou conta do estado, em nome da justiça. E o povo, o escravo, o espoliado, a besta de carga, principiou a ser senhor.

Depois a Revolução desceu aos corações, foi á sciencia, foi á politica, e atirou ao mundo, num impulso de vitalidade, essa nação onde

as liberdades teem um cunho religioso — A França d'hoje.

A obra vasta da Revolução, essa obra colossal que uniu os homens como irmãos, que esbofeteou as trevas com mão de ferro, patenteia-se hoje ao mundo civilizado.

Grandes e furiosas tempestades, a Reacção tem desencadeado á sua passagem, num estralejar das carcomidas ferragens do seu monumento, que, outr'ora, foi o terror dos povos.

Debalde as Trevas tem arremettido contra a Luz.

Cada arremettida, cada derrota.

O homem já não é para vós, obreiros da noite. Trouxeste-lo agarrotado ás vossas sotaínas, embruteceste-lo para o explorar nos seus sentimentos, e elle agora afasta-vos, como leprosos. Vós proprios cavareis a vossa sepultura, espiritos das Trevas.

Vós tendes combatido a Republica, incensantemente, sem treguas, porque?

Nos seus principios d'Egualdade, d'auxilio aos fracos, de nivelamento da sociedade, ella desmascara-vos, de frente erguida, a vossa hypocrisia, arreda-vos p'ra longe como principaes factores do embrutecimento dos povos.

Como pôde a Noite dos espiritos encarar a Luz dos cerebros?... A Republica, proclamando os Direitos do Homem, repudia a Nobreza como oppressora.

E não admite a Monarchia porque a considera sanguessuga d'uma nação.

Pôde tolerar-se um principio que faz chefe d'uma nação, um idiota, um imbecil ou um fanatico sem que os seus vassallos, victimas dos seus erros, o possam depôr?

A Democracia, no estado actual da sociedade, é a fôrma de governo mais consentaneo com a Justiça. Está longe ainda de attingir o grau de perfectibilidade e de Liberdade para que caminhamos. No entanto é ainda uma grande Liberdade: o governo do povo pelo povo.

A França d'hoje, essa França essencialmente republicana, é digna da nossa admiração. As reacções, religiosa, militar e capitalista, nos seus estadistas dos ultimos governos, tem encontrado os adversarios mais ferrenhos.

Combes, o estadista de grande envergadura, de dilatadas vistas, a quem o Clericalismo, na sua guerra de diffamação, apodou de vendido e de gallego ao serviço da Maçonaria, teve a hombridade e a energia, numa lucta titanica, de expulsar as congregações religiosas do seu paiz.

Rouvier ainda foi mais longe: desligou a Igreja do Estado.

E Loubet, esse homem que eu admiro porque é um character e um honesto, coopera, como um filho dedicado da Republica, na grande Ideia.

O Vaticano, instituição infallivel, como dizem os seus secretarios, soffreu os golpes mais rudes no seu prestigio.

Ouçõ vivas entusiasticos. Musicas atacam vivamente a Marselheza.

Que é? E' *monsieur* Loubet que está em Lisboa.

O elemento official, o Rei e todos os palacianos saudam-no.

Que hypocrisia!...

Mas ha republicanos convictos, caracteres ainda não deturpados pelo lodo do regimen, que o erguem em triumpho.

E com esses, que são esperanza de Portugal, com esses para quem a Republica é a noiva que hão de receber no altar da Patria, com esses que o saudam, não como os emissarios da Monarchia — de encomenda — mas com o calor das grandes convicções, vae tambem a minha saudação a Loubet para que a faça chegar á França de que é representante, á França da Revolução, á França de Victor Hugo, de Voltaire, de Rousseau, de Zóla, de Quinet, como um apoio e um incitamento á sua obra.

Bemvindo sejas — Loubet!

Mário Correia (?)
GUILHERMINO DE FARIA GUILMARÃES.



O que não passa...

VIVA Loubet... aclama a multidão frenetica!
Viva a Republica... estalam mil corações e boccas!

Viva a França... trovejam humanos peitos!

—O cortejo vae passando, nas suas molas d'aco...

As charangas vão passando, a echo, á confusão...

A plebe vae passando, da febre á languidez...

E o entusiasmo, e os foguetes; e a idéa, e as bandeiras; e o *incenso*, e as luminarias; e o senhor Loubet, e o *sol* da apothose, tudo passa... tudo desapparece na orla fria da noite!

...O que não passa é em mim a vontade de saudar o proximo advento da Republica Portuguesa!

Só então as visitas de Mrs. Loubets serão, diplomatica e moralmente, apreciadas neste paiz de festas e dias-santos.

Mário Mendes d'Oliveira
MARIO MENDES D'OLIVEIRA



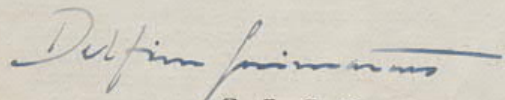
Viva Loubet!! Viva a Republica Francêsa!!

LEVANTA, Portugal, ó Anthéu *moribundo*,
 Tua fronte austérea que fez tremer o mundo,
 E encara teus filhos, a nobre muldidão
 Que ajoelha, raivosa, aos pés da *escravidão*
 Ao ver-te *prisioneiro*, sujo, desgrenhado.
 Como um velho assassino todo ensanguentado...
 Levanta um dos teus braços, ó luso gigante,
 Derruba essas prisões — quaes muros de Trudante
 Tu derrubaste outr'ora!! — Ó insigne heroismo!
 Quebra os feros grilhões, esmaga o *canalhismo*!...

Nós somos os teus filhos, patria tam amada,
 — Os filhos da nação mendiga, esfarrapada,
 Que q'remos levantar da lama pestilente
 E vestir-lhe um roupão de seda rubrescente!...
 Nós somos os teus filhos, a indomita escolta
 Que espera, palpitante, o Dia da Revolta
 P'ra calcar com furor a *hórda* viperina,
 A caterva impudica, reles, assassina,
 Que te arrasta á deshonra, ao lôdo, á podridão,
 E te *entrega*, pouco e pouco, a *outra* nação!...

Levanta essa cerviz, vetusto Portugal,
 Olha os rubros laureis que a tua capital
 Espalha sobre a fronte de Emile Loubet!!
 Levanta essa cerviz, olha a insigne Glória,
 Sorrindo com orgulho p'ra trêda *ralé*...
 Que se esconde na treva horrenda da *Victoria*!...

Levanta, Portugal, aos gritos da *Mars'lheza*:
 — Um viva a Loubet e á Republica Francêsa!!...


 G. S. G. D.

Bem vindo

SAUDAR um *touriste* que passa á nossa terra, de guia em punho e mala na mão, é um symptoma especulativo: de pedinte, ou reporter.

Saudar um chefe d'Estado que officialmente nos visita em nome d'um povo, d'uma nação amiga, é um symptoma demonstrativo: de solidariedade e d'educação.

Mas quando esse *touriste*, esse chefe d'Estado é Emilio Loubet, intelligente e honrado representante do povo heroico da França, da Republica mais republicana, a saudação tem um symptoma affectivo... sentimento espontaneo, sincero, clarividente e forte, como o sorrir luminoso d'uma aurora ideal. E' que a Liberdade fascina pelo brilho, a Igualdade attrahe pela belleza, a Fraternidade confunde pela harmonia.

E' brilho que é Luz; e belleza que é Paz; e harmonia que é Amor, engasta nos alpes da Revolução Franceza,—o gesto leonino do Povo, pelos seus direitos de Justiça, contra os dogmas de despotismo.

...A' minha razão d'homem não repugna ser governado, quando o sou por um regimen todo consentaneo com o Progresso e com a Civilização.

Esse regimen está na Republica, a instituição mais perfeita como systema de transição e d'economia.

E a França, que longos annos se descentralisára do seu verdadeiro programma, tem sabido, por os seus ultimos governos radicalmente democratras, demonstrar o que digo.

*

Quando a França entrega o dogma ao Vaticano, a igreja ao clero, e a religião aos corações, a França é verdadeiramente aguiá.

Quando a França, escalando a «Questão social», decreta — embora em parte — 8 horas de trabalho, a França é essencialmente politica.

Quando a França estuda a reforma dos operarios, regulamenta o trabalho, a França é radicalmente republicana.

Que Ella, divorciando-se dos seus erros, entre francamente num periodo de regeneração social, são esses os meus votos de Republicano-Socialista.

CACILDO FERNANDES.



SAUDAR Emilio Loubet que tão nobremente representa a França, é proclamar os *Principios Democraticos* que não se submettem á fatalidade do nascimento; é saudar um Povo livre que não admite que o cidadão seja legado como qualquer animal de carga!

E' acclamar a Liberdade, é protestar contra o Existente.

AVELINO BARBOSA.

A Republica Franceza e Loubet

“A base do governo democratico é a Virtude.”

Chamava-se Maximiliano Robespierre o homem que uma vez, fez já um seculo, proferiu, no coração da França e em plena Revolução, estas palavras graves.

Incrustam ellas, na apparente singeleza de seu conceito, a synthese de todo um programma, alto e rigido, luminoso e fecundo.

A Virtude, no caso, desdobra-se: em Justiça, e em Liberdade.

Liberdade plena. Justiça perfeita.

Tudo — tanto quanto é compativel com a triste condição humana.

A terceira Republica Franceza — terceira e definitiva; ás tres é de vez — hasteou sempre, sobre aquella base, o pendão sacrosanto d'aquelle ideal governativo — a Democracia?

Não. Nem sempre. Infortunadamente, nem sempre.

O grande edificio, esplendoroso e humano, de cuja construcção aquelle Robespierre foi um dos maiores obreiros, mercê, primeiro, da felonía imperdoavel do Grande Corso, mercê, depois da estupidez, da infamia, da covardia de pequenos biltres, tinha-se ido, atravez a historia prenhe de episodios da França, pouco e pouco aluindo, desmoronando. Por forma que, á data da proclamação da terceira Republica, pode bem dizer-se que do passado glorioso de setenta annos atraz nada restava já senão a pallida memoria!

Proclamada a Republica numa hora de raiva impotente, o cunho da vespera não se apagou. Permaneceu.

E a substituir um dynasta ficaram duas dynastias: a milícia militar, e a milícia sacerdotal, harmoniosamente conjugadas na tarefa, impia e abominavel, de abafarem a voz da Liberdade, de vendarem os olhos da Justiça.

Por pouco o não conseguem. Por pouco. Mas ao clamor de alarme que alguns, mais previdentes e mais fortes, levantaram num assomo de indignação e de colera, e na visão pavorosa de uma grande e irremediavel desgraça, a consciencia collectiva, sacudida do seu torpor ao grito d'alerta! dos grandes democratras, e revolvida pela tempestade de uma forte commoção civica, levantou-se ameaçadora, rugindo na alma da multidão, como ruge o mar. E os dois espiritos — da caserna e da sacristia — deixaram de ser, como sempre foram, os eternos conspiradores contra a existencia do regimen republicano.

Ficaram vencidos na luta, que foi porfiada e violenta. E, resuscitando os grandes principios da Revolução, os actuaes governos de França, empenham-se incansavelmente na obra *virtuosa* e bella, de um grande saneamento moral, que torne a França, definitivamente, como foi durante a grande Revolução, a Mãe e a Patria da Democracia.

E tal obra se encontrou em Loubet, que tem a alta gloria de presidir á Republica, e com elle encontrou tambem quem teve a alta virtude de comprehendê-la e amá-la.

E, por isso, Loubet é grande.

JUSTINO CARVALHO.



Primus inter pares

D'ENTRE OS varios chefes de Estado—alguns de primacial valor pelo equilibrio ponderado do espirito, pela cultura larga da intelligencia, ou pelo forte sentimento patriótico—que ora se ostentam á frente das Nações europeias, destaca-se, com o relevo de um encanto, singular e inconfundível, a figura profundamente simples, mas, por isso mesmo incomparavelmente radiosa, de Emilio Loubet.

A um tempo austero e doce, viril e bondoso, inquebrantavel na sua linha de conducta e largo nas aspirações de seu espirito, alma pura saltando da moldura de uma vida despretenciosa, sem uma mancha no seu character nem uma responsabilidade má na sua historia, ninguém como elle, na suprema Magistratura da terceira Republica, soube irradiar sobre a vasta multidão sympathias mais amoraveis, e dedicações mais sinceras.

De lés-a-lés, pela extensão de toda a terra de França afora, a aura do ambiente popular envolve-o cariciosamente. E é tal a elevação, tal a nobreza que tem posto no cumprimento do mandato, que, prestes no fecho de sua carreira—periodo no qual alguns dos passados Presidentes começavam a vêr baquear o seu prestigio, todo de affrontas, a já corrente da antipathia publica elle, Loubet, teve a felicidade rara, que não consegue envaidecê-lo, de vêr que o sentimento colectivo da sua Patria pretende erguer-lhe de novo a in-

sinuantissima figura na apothose de um triumpho eleitoral, que o bom velho obstinadamente recusa. Não quer. Não acceta. Entende em consciencia — e não entende mal — que uma reeleição seria, até certo ponto, uma como que enthronisação. E elle não quer senão o que sempre tem sido, ainda quando, como agora, o primeiro — cidadão. E' o traço, bem nitido e bem firme, que distingue a sua feição moral. E' o que lhe reserva, da Historia, como de seus contemporaneos o logra, um bello e immaculado renome.

E assim, porque elle, sendo o chefe da nação Franceza, e sendo como é, um grande cidadão e um grande democrata, é, implicitamente, o symbolo de todos os grandes, altos, luminosos ideaes, que sua Patria já tinha olvidado, mas vêm, de ha tempos, proclamando e realisando corajosamente, e que o impoem, gloriosamente, ao respeito e admiração do Mundo inteiro; e porque da vida assim pura de um homem tal, e da representação assim alta de taes ideas, sempre alguma lição util esplende e se aproveita, por isso é que nós, Portuguezes, bem fazemos applaudindo calorosamente o seu nome excelso, e — como a nós, Povo, não mereceram, nem podiam merecer, Reis e Imperadores — organisando em sua honra o acolhimento mais estrondoso, mais vivo, mais entusiastico e mais espontaneo, que a um estranho, ou ainda a um nacional, se tenha jamais feito em Portugal.

Bem-vindo seja o Presidente da Republica Franceza!

Yoni Pimenta (?)
EMILIO MACHADO.



Considerações

A passagem de Mr. Loubet, presidente da Republica Franceza, por Lisboa, tem a meu ver uma importancia relativamente grande, porque dá ensejo a todos os que pensam livremente de manifestarem as suas ideias ás multidões que leem.

Eu, não sei precisamente o que irão dizer os que juntos commigo collaboram neste nu-

mero unico, mas pelo que é de costume, na sua maioria, devem talvez encher os seus artigos de elogios, a pessoas e a instituições republicanas, de palavras encomiasticas emfim, para os republicanos e que agradem, claro, aos mesmos senhores. Eu, porém, que não professo credo politico de especie alguma, eu, que não sou republicano nem monarchico nem tão pouco socialista, eu, que passo todo o tempo dedicado ao intellecto, a estudar a melhor fórma de illustrar e educar as massas para que ellas um dia, por suas mãos e conscientemente, façam a obra que é sonhada e discutida por uma pequena minoria (por emquanto, mas cada vez mais crescente) eu, meus senhores, não vos posso acompanhar no cortejo das aclamações e dos vivas. E sendo assim, eu vejo-me incapaz de ser digno neste logar, que só deve inserir artigos de homenagem e de congratulações.

Mas eu tambem não venho insultar ninguém, não venho ferir personalidades, porque olhando as coisas geralmente e extensamente, não receio cahir nessa falta.

E' certo que conheço pouco a questão social, para me abalançar a entrar nella seriamente e com auctoridade, mas quem como eu não sahio vez alguma d'este meio burguez e acanhado, que torce as intelligencias e faz automaticos em vez de homens, não é de esperar que produza obra de tomo. Reporto-me aos conhecimentos adquiridos pelo convívio intimo com os homens livres, por meio dos seus livros, e, com um pouco de senso critico que esta sociedade moribunda me dá, pelo seu constante chafurdar na lama, eu declaro que não temo errar nem mentir nas affirmações que fizer.

Começando pelo atrazo intellectual e moral do povo portuguez, eu não temo affirmar que uma das causas, entre as muitas que existem, d'esse adormecimento lamentavel dos cerebros, é, sem duvida alguma, a fórma odiosa, irracional e anti-humana com que os governantes inibem do ensino geral os homens que pensam livremente e que tem no cerebro faculdades taes, que os fariam educadores sinceros e humanos e que d'essa educação, nós teriamos moços novos cheios de vida e capazes de arcarem com todos os sacrificios para bem da outra parte da humanidade ainda na tréva.

De fórma que se não existissem, como já existem, homens que, desprezando regras e preconceitos, trabalham a vida inteira voluntariamente a estudarem a sciencia experimental, a unica verdadeira e humana, o que seria já da nossa raça?

Mas é que, felizmente, já os ha; e é d'esses, pois, é d'esses individuos que se podem chamar *sem receio* — homens —, que sahe a verdadeira educação, a verdadeira instrucção.

Sempre combatidos pelos governantes, sempre odiados pelos burguezes e pelos aristocratas, estes martyres da humanidade não se importam de morrer heroicamente num presídio, numa guilhotina, para que o seu sangue germine, fecundante, essa planta grandiosa e sublime chamada Liberdade.

Já ficamos, portanto, convencidos de que

os verdadeiros mestres do povo são os livres pensadores e nunca os *sabios officiaes*. O que eu quero porém que se registe, agora que temos de visita Mr. Loubet, é que, emquanto aqui em Portugal os livres pensadores, os homens honestos são vexados, esmagados e condemnados á morte moral, em França, nesse paiz que tem sido incessantemente regado por sangue dos seus filhos, fecundo e sacrosanto, nesse paiz que encerra em si homens que em menos de um seculo reconhecem os algozes da vespera, para lhe chamarem criminosos e lhes derrubarem as estatuas, nesse paiz que, com a Russia, hade ser o precursor da redempção humana, o livre pensamento tem mais expansão, o ensino humanitario e grandioso é permittido ás multidões bebê-lo.

Haja em vista as produções litterarias e sociaes dos ultimos tempos, que ahi se espalham profusamente, haja em vista as revistas e jornaes livres, como *Les temps nouveaux* e *L'assiette au beurre* e muitos mais, e os pamphletos violentos que, com poucos francos se adquirem e se espalham com uma rapidez consideravel.

Aqui, em Portugal, na vespera da visita d'um presidente d'uma republica, apprehendese cynicamente uma obra que relatava um acontecimento republicano! Não julguem que quero dizer que na França exista já a liberdade absoluta e desejada pelo coração humano. Dizer isso seria uma loucura ou um contrasenso.

Mais liberdade, menos liberdade, eis o estado actual das sociedades modernas. O que Chateaubriand disse — *Tout gouvernement est un mal, tout gouvernement est un joug* —, ainda não foi, nem o será jamais desmentido.

E' por isso que, podem mudar de regimes, podem decretar leis, oppressivas ou mais libertarias, podem reformar codigos, podem revolver esta engrenagem d'Estados, como quizerem e conforme a astucia dos legisladores, dos *scientificos officiaes* e dos economistas burguezes, que existirão sempre males, existirão sempre crimes e tudo o que repugna ao espirito do verdadeiro homem.

Eduquem livremente os novos; deixem-nos pensar conforme os seus temperamentos, sempre diversos, sempre mutaveis; deixem que os homens livres digam nas praças, publicamente, a verdade que hoje é exclusivo de meia duzia, e verão como em poucos annos a humanidade caminhará sensivelmente para a Luz, para a verdadeira Vida.

Por ora, emquanto existirem leis contra a liberdade individual, leis contra a liberdade de fallar, de pensar e de amar, não-de haver luctas, desalentos, miserias e desesperanças.

A todos os homens a quem o oiro não ce-gou e o atavismo não exerce já influencias d'especie alguma, compete pôr mãos á obra.

Ro drigo Timotheo
JULIO DE MORAES.